

**O Soviético e o pós-Soviético em diálogo com os estudos
(pós/de)coloniais: uma introdução / *The Soviet and the Post-Soviet in
Dialogue with (Post-/De-)Colonial Studies: An Introduction***

Nos últimos anos, tem havido um ressurgimento do interesse por autores, teorias, escolas de pensamento e ideias que se originaram na União Soviética, particularmente no campo da linguística e dos estudos literários. À medida que o tempo nos distancia cada vez mais daquela época, que para muitos ainda é emocionalmente ressonante, a memória gradualmente dá lugar ao olhar analítico da investigação histórica. O que antes parecia, especialmente “de fora”, um bloco unitário, apresenta-se hoje, em uma análise mais detalhada, como uma “semiosfera” fragmentada e heterogênea (Lotman, 1984). Essa mudança de perspectiva sugere que, por trás das inúmeras barreiras impostas à União Soviética, tanto internas quanto externas, existe uma infinidade de textos e fontes cuja relevância para o nosso mundo contemporâneo permanece em grande parte não testada. A este respeito, vale a pena esclarecer que quando nos referimos a um autor, ideia ou texto soviético, não estamos a sugerir um alinhamento com um “cânone soviético” oficial. Em vez disso, estamos a referir-nos a algo que nasceu da “semiosfera soviética”: algo que não coincidia necessariamente com a ideologia oficial, mas que se viu obrigado a confrontá-la.

Entre as várias abordagens e perspectivas interessadas na redescoberta e reexame da semiosfera soviética, as dedicadas ao estudo e à análise da condição “colonial” têm sido as mais receptivas. Sob este guarda-chuva, incluímos tanto a teoria pós-colonial, que está principalmente associada ao mundo anglo-saxão, como a teoria decolonial, que teve a sua formulação inicial no *milieu* acadêmico dos Estudos Latino-Americanos (Castro-Gómez, Grosfoguel, 2007). Pesquisas recentes revelaram que a história intelectual soviética continha ideias, particularmente em relação à linguagem e sua relação com a cultura e a identidade coletiva, que podem ser consideradas precursoras dos princípios fundamentais dos movimentos anticoloniais (Tolz, 2011). Vários autores soviéticos, já conhecidos e estudados, como Bakhtin, ou obscuros e rejeitados, como Nikolai Marr,

revelaram ter um surpreendente potencial anti-imperialista e anticolonial (Brandist, 2016; Young, 2022; 2023; Allen, Young, 2024). Essa redescoberta foi complementada por novos estudos sobre o impacto que a teoria soviética teve nos movimentos anticoloniais e de independência em todo o mundo (Drews-Sylla, 2022; Brandist, 2022).

À medida que o conhecimento e as ideias se conectam de maneiras inesperadas, as teorias coloniais – especialmente a decolonialidade (Gherlone, Restaneo, 2024) – encontraram recentemente uma inédita conexão com o chamado mundo pós-soviético. O “pós-soviético”, como espaço geográfico, histórico e intelectual, encontrou uma afinidade com suas próprias questões no diálogo com a experiência colonial e uma possível nova abordagem na teoria (des)colonial para compreender melhor sua condição e seus problemas (Tlostanova, Mignolo, 2012; Tlostanova, 2015; Uffelman, 2022). Noções provenientes das reflexões soviéticas sobre língua e literatura estão mais uma vez na vanguarda desse diálogo (ver, por exemplo, Tlostanova, 2007; Feldman, 2018; Djagalov, 2020).

A panorâmica acima descrita esboça uma complexa rede de conexões que surgiu, na última década, entre o soviético, a colonialidade (pós-colonial e decolonial) e o pós-soviético. A fim de explorar esta questão atual a partir de diferentes perspectivas disciplinares e temáticas, convidamos pesquisadores a enviar artigos que explorassem os encontros, possíveis diálogos e fertilização cruzada entre os estudos (pós/de)coloniais, por um lado, e a história intelectual e cultural do mundo soviético e pós-soviético, por outro.

Identificamos várias áreas de investigação: o estudo de um autor, texto ou escola soviética e sua possível relevância no discurso colonial; a história da relação entre o mundo soviético e os movimentos e teorias anticoloniais; a relevância das ideias soviéticas sobre a história da linguagem para o discurso contemporâneo relacionado à colonialidade; a literatura minoritária e outras expressões ou artefatos culturais “marginais” da era soviética analisados através de uma lente pós-colonial/decolonial; as contribuições da teoria soviética para a análise da colonialidade; possíveis diálogos entre a teoria soviética, os discursos pós-coloniais/decoloniais e os estudos sobre o panorama pós-soviético na era da globalização; análises comparativas entre o espaço soviético e pós-soviético e diferentes contextos geoculturais, utilizando a crítica do colonialismo/colonialidade; o estudo de narrativas e contra-narrativas relacionadas a

preocupações atuais no e do espaço pós-soviético (segurança, independência, etc.) de acordo com uma estrutura pós/decolonial.

O resultado final é uma edição temática que, estamos confiantes, enriquecerá a discussão contemporânea em torno de noções-chave como orientalismo, imperialismo, universalismo, identidade e minorias, ao mesmo tempo em que acrescentará complexidade, tanto retrospectiva quanto prospectiva, às leituras históricas da ex-União Soviética – uma entidade geopolítica “fantasmal”, mas pulsante nos dias de hoje. O volume é uma homenagem à reflexão interdisciplinar e polifônica que, por meio de sete artigos, explora diferentes processos bi- e multi-direcionais entre o soviético e o colonial, adotando diferentes abordagens disciplinares (filologia, história das ideias, literatura, história da linguística, estudos culturais e teoria crítica).

O primeiro artigo, “A Indologia Soviética e a ascensão da ‘filologia insurgente’”, de Craig Brandist, explora um aspecto específico do contexto dos estudos orientais, no qual pensadores russos e soviéticos do início do século XX desenvolveram uma perspectiva filológica que valorizava os estudos e as perspectivas dos pesquisadores indígenas. O autor examina as relações entre os indologistas russos pré-revolucionários e os especialistas soviéticos em estudos orientais, e um grupo de fontes textuais e eruditos da Índia. Ele demonstra que esse encontro, entre outros, ajudou o incipiente espaço intelectual soviético a conceber uma perspectiva capaz de desafiar as tendências dominantes na indologia europeia, não apenas antecipando aspectos importantes da teoria pós-colonial, mas também desenvolvendo uma postura científica insurgente: uma postura que por sua vez foi incorporada a uma crítica radical dentro da Índia e suas aspirações nacionalistas de libertação. Brandist enfatiza como essa “filologia insurgente” acabou minando a dicotomia entre Ocidente e Oriente, revelando dinâmicas complexas de colaboração e oposição dentro da sociedade e da cultura indianas.

O segundo artigo, “Envolvendo-se com a diferença. Temas multiperspectivistas na história soviética das ideias”, toma como ponto de partida a distinção ideológica entre ocidentais (ou ocidentalistas) e eslavófilos, que era uma forma peculiarmente russa de interpretar a realidade histórica, social e cultural, dividindo-a entre o Ocidente e o Oriente. O autor, Pietro Restaneo, argumenta que, por baixo dessa visão binária, se desenvolveu no final do Império czarista e no início da União Soviética o “multiperspectivismo”: ou seja, uma abordagem epistemológica diferente, mais atenta à totalidade holística e

relacional do que à ênfase na diferença. Evocando a noção de mônada e o leibnizianismo russo, Restaneo desenvolve assim o conceito de multiperspectivismo, relacionando-o, por um lado, a três figuras seminais da esfera intelectual soviética – Vladimir I. Vernadski, Nikolai I. Konrad e Iuri M. Lotman – e, por outro lado, aos estudos orientais soviéticos em uma chave decolonial. O multiperspectivismo surge, em última análise, como uma perspectiva epistêmica, fruto da era soviética, capaz hoje de lançar luz sobre questões-chave da “colonialidade”, tais como o universalismo, a alteridade e a pluriversalidade.

No terceiro artigo, “A participação de L. S. Vygotsky no debate sobre a questão nacional bielorrussa: entre arte, língua e política”, Priscila Nascimento Marques e Volha Yermalayeva Franco exploram o fenômeno da criação do teatro nacional belorosso no contexto da longa jornada rumo à emancipação linguística e à valorização da identidade do povo de língua belorussa. A pesquisa se concentra em três textos de 1923, inéditos em inglês e português, do famoso psicólogo soviético Lev S. Vygotsky (ele próprio nascido em território belorosso sob a autocracia czarista), revelando um aspecto desconhecido de sua produção intelectual: seu interesse pelo teatro e pela literatura belorussos. As duas autoras demonstram como, no contexto da política de indigenização [*korenizatsiia*] promovida por Lenin na década de 1920, Vygotsky ecoou a necessidade de romper com o legado russocêntrico da dominação colonial czarista, contribuindo para a promoção artística da língua belorussa como uma tarefa pedagógico-educativa nacional. Ao longo do artigo, Vygotsky surge como um intelectual anticolonial e pós-colonial *ante litteram*.

O quarto artigo, “A criouldade e a União Soviética: uma região inexplorada do intercâmbio intelectual”, concentra-se no pensamento anticolonial caribenho – sendo o Caribe um lugar proeminente na construção de epistemologias alternativas – e analisa como as ideias de uma nação racialmente mista e da língua crioula migraram da América para a incipiente União Soviética via Europa Central (em particular graças à mediação do linguista e romanista alemão Hugo Schuchardt). No geral, Matthew Carson Allen propõe explorar as conexões filológicas e epistemológicas entre os projetos de libertação da opressão colonial e a subsequente construção nacional nas Américas e a abordagem soviética para emancipar os povos oprimidos do antigo Império Czarista, ou seja, a questão da autodeterminação nacional no pensamento político revolucionário bolchevique. O autor enfatiza a valorização das culturas indígenas e minoritárias como ponto de partida para uma sensibilidade comum de renovação entre as duas regiões

(América e a União Soviética), a fim de estabelecer um diálogo sem precedentes entre os conceitos de *mestiçagem*, *korenizatsiia* e crioulização linguística.

No quinto artigo, Maria Glushkova e Ekaterina Vólkova Abérico abordam a questão do ensino do russo como língua estrangeira e das políticas de tradução como parte da estratégia geopolítica mais ampla da URSS: uma estratégia que buscava exercer influência cultural no cenário global por meios não coercitivos, antecipando o conceito contemporâneo de “poder brando”. O trabalho, intitulado “Multilinguismo, políticas linguísticas e ensino da língua russa na URSS e na Rússia”, concentra-se no período da desestalinização e destaca como a metodologia do ensino do russo, bem como a tradução da literatura russa e soviética para outras línguas e da literatura estrangeira para o russo, estavam intimamente ligadas à questão anticolonial, em um sentido pedagógico e ideológico. Quando a *korenizatsiia* já era uma lembrança distante, o russo-centrismo soviético e a colaboração linguístico-cultural com países “periféricos” (africanos, asiáticos e latino-americanos) sob o slogan da fraternidade e da “amizade dos povos” tornaram-se um símbolo de oposição ao bloco ocidental “imperialista”, não sem aspectos críticos.

No sexto artigo, “Por uma discussão decolonial sobre o sofrimento mental: as ideias soviéticas iniciais de consciência através das perspectivas de Vygotsky, Volóchinov e Bakhtin”, Mirelly Karolinny de Melo Meireles oferece uma crítica ao modelo hegemônico que atualmente sustenta a conceituação do sofrimento psicológico e seu regime de tratamento. A autora enfatiza as limitações de uma abordagem biologicista, ou seja, a psiquiatrização do paciente, e defende uma reinterpretação do fenômeno em termos decoloniais. Essa abordagem é capaz de revelar como o paradigma neoliberal reforça padrões coloniais de pensamento que individualizam e medicalizam a (in)saúde mental, desviando a atenção das condições sistêmicas e estruturais (como a desigualdade e a injustiça de longa data) que contribuem para o sofrimento das pessoas. De Melo Meireles identifica o contexto intelectual da primeira União Soviética como um ambiente propício – potencialmente decolonizador – para abordar essa reflexão, pois as abordagens reducionistas ao estudo da consciência humana estavam sendo questionadas durante esse período, destacando o papel dos fatores sociais, históricos e culturais na saúde e na doença mental.

A abordagem decolonial também ocupa um lugar central no último artigo desta edição especial. Em seu trabalho intitulado “Tecnologia (colonial): A contribuição da culturologia Lotmaniana para os estudos da colonialidade digital”, Laura Gherlone aborda um aspecto específico da teoria cultural de Iuri M. Lotman, a saber, sua perspectiva tecnocrítica. A autora argumenta que as reflexões do estudioso soviético sobre a natureza e a função do progresso tecnológico na cultura humana foram o resultado de seu diálogo “resistente” com o ambiente peculiar da semiosfera soviética e, em particular, com dois projetos intelectuais, respectivamente das décadas de 1920-1930 e 1960-1970: a planetarização da tecnologia postulada por Vladimir I. Vernadski e a ordenação do mundo conduzida pelas máquinas sob os auspícios da ciência cibernética. Gherlone apresenta a ideia de que a perspectiva tecnocrítica de Lotman pode servir de base para uma análise crítica das pretensões universalizantes da tecnologia contemporânea. Esta abordagem é particularmente relevante no contexto da investigação atual sobre a chamada colonialidade digital.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Matthew Carson; YOUNG, Robert (ed.). *The Anticolonial Linguistics of Nikolai Marr: A Critical Reader*. London: Routledge, 2024.

BRANDIST, Craig. Soviet Orientalism and Anti-Imperialism. In: RAY, Sangeeta; SCHWARZ, Henry (ed.). *The Encyclopedia of Postcolonial Studies*. Oxford, UK: John Wiley & Sons, Ltd, 2016. pp. 1-6. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781119076506.wbeps388>. Access on: 20 October 2025.

BRANDIST, Craig. Sociological and Marxist Literary Theory in Colonial Context. In: MRUGALSKI, Michał; SCHAHADAT, Schamma; WUTSDORFF, Irina (ed.). *Central and Eastern European Literary Theory and the West*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2022. pp. 472-485. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110400304-028>. Access on: 20 October 2025.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; Ramón GROSGOUEL (ed.). *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

DJAGALOV, Rossen. *From Internationalism to Postcolonialism: Literature and Cinema between the Second and the Third Worlds*. Montreal et al.: McGill-Queen's University Press, 2020.

DREWS-SYLLA, Gesine. Russian Theory in Africa: From Marxism to the Bakhtinian Postcolony. In: MRUGALSKI, Michał; SCHAHADAT, Schamma; WUTSDORFF, Irina (ed.). *Central and Eastern European Literary Theory and the West*. Berlin/Boston: De

Gruyter, 2022. pp. 833-846. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110400304-043>. Access on: 20 October 2025.

FELDMAN, Leah. *On the Threshold of Eurasia: Revolutionary Poetics in the Caucasus*. Ithaca: Cornell University Press, 2018.

GHERLONE, Laura; RESTANEO, Pietro. Universality and Conflict as a Decolonial and Culturological Problem. In: MONTICELLI, Daniele; MARAN, Merit; SEDDA, Franciscu (ed.). *Semiotics of Conflict: A Lotmanian Perspective*. Tallinn: Tallinn University Press, 2024. pp. 120-148.

LOTMAN, Juri M. On the Semiosphere. Translated by Wilma Clark. *Sign Systems Studies*, v. 33, n. 1, pp. 205-229, 2005 [1984]. DOI: <https://doi.org/10.12697/SSS.2005.33.1.09>. Access on: 20 October 2025.

TLOSTANOVA, Madina. The Imperial-Colonial Chronotope: Istanbul-Baku-Khurramabad. *Cultural Studies* v. 21, n. 2-3, pp. 406-427, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/09502380601162613>. Access on: 20 October 2025.

TLOSTANOVA, Madina. Can the Post-Soviet Think? On Coloniality of Knowledge, External Imperial and Double Colonial Difference. *Intersections*, v. 1, n. 2, pp. 38-58, 2015. DOI: <https://doi.org/10.17356/ieejsp.v1i2.38>. Access on: 20 October 2025.

TLOSTANOVA, Madina; MIGNOLO, Walter. *Learning to Unlearn: Decolonial Reflections from Eurasia and the Americas*. Columbus: Ohio State University Press, 2012.

TOLZ, Vera. *Russia's Own Orient: The Politics of Identity and Oriental Studies in the Late Imperial and Early Soviet Periods*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2011.

UFFELMANN, Dirk. Postcolonial Studies: Processes of Appropriation and Axiological Controversies In: MRUGALSKI, Michał; SCHAHADAT, Schamma; WUTSDORFF, Irina (ed.). *Central and Eastern European Literary Theory and the West*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2022. pp. 807-820. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110400304-041>. Access on: 20 October 2025.

YOUNG, Robert. Resituating Nikolai Marr. *Interventions*, v. 24, n. 5, pp. 621-637, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/1369801X.2022.2054013>. Access on: 20 October 2025.

YOUNG, Robert. The Soviet Invention of Postcolonial Studies. *boundary 2*, v. 50, n. 2, pp. 133-156, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1215/01903659-10300637>. Access on: 20 October 2025.

Pietro Restaneo*

Laura Gherlone**

* Consiglio Nazionale delle Ricerche – CNR; Istituto del Lessico Intellettuale Europeo e Storia delle Idee – ILIESI, Roma, Itália; <https://orcid.org/0000-0001-5297-7372>; pietro.restaneo@cnr.it

** Pontificia Universidad Católica Argentina – UCA, Facultad de Filosofía y Letras; Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de Argentina – CONICET, Buenos Aires, Argentina; <https://orcid.org/0000-0002-0117-1077>; lauragherlone@uca.edu.ar